



**HAL**  
open science

# A poesia de Gigi Damiani durante o primeiro exílio no Brasil (1897-1919)

Carlo Romani, Gabriela Ribeiro

► **To cite this version:**

Carlo Romani, Gabriela Ribeiro. A poesia de Gigi Damiani durante o primeiro exílio no Brasil (1897-1919). *Revista Estudos libertarios*, 2022, 4 (9). hal-03632568

**HAL Id: hal-03632568**

**<https://hal.science/hal-03632568>**

Submitted on 11 Apr 2022

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## A POESIA DE GIGI DAMIANI DURANTE O PRIMEIRO EXÍLIO NO BRASIL (1897-1919)<sup>145</sup>

*Carlo Romani*

*Gabriela Ribeiro*

### **Apresentação<sup>146</sup>**

Este texto é a tradução<sup>147</sup> do primeiro capítulo do livro *Poésie d'un rebelle: Gigi Damiani. Poète, anarchiste, émigré (1876-1953)*, de Isabelle Felici (2009: 11-25), intitulado "L'enfance et la formation. Le premier exil au Brésil (1876-1919)". Atualmente professora da Universidade de Montpellier, Felici é uma renomada especialista em língua e cultura italiana e em história e cultura anarquista. Bastante familiarizada com as origens do anarquismo brasileiro, sua tese de doutorado foi o primeiro estudo profundo sobre os italianos no movimento anarquista brasileiro (Felici, 1994). A autora produziu artigos das mais diversas temáticas sobre as relações criadas entre italianos, imigrantes e anarquismo no Brasil, que vão desde os debates acerca da organização ou não dentro dos sindicatos até as formas de expressão da cultura libertária em língua italiana, inclusive um artigo sobre a difusão da italianidade em São Paulo e outro, mais recente, que comenta o samba italiano de Adoniran Barbosa<sup>148</sup> (Felici; Duarte-Simões, 2018).

Além disso, Felici tem uma vasta produção sobre a dispersão da cultura libertária italiana pelo mundo, com ênfase na sua produção literária. Neste livro, do qual foi traduzido um capítulo, a autora tratou de fazer uma biografia de Gigi Damiani, importante ativista do movimento anarquista internacional que viveu no Brasil entre 1897 e 1919, ano de sua

---

<sup>145</sup> Nota do editor: A versão que segue em português foi traduzida do primeiro capítulo do livro *Poésie d'un rebelle: Gigi Damiani. Poète, anarchiste, émigré (1876-1953)*, de Isabelle Felici (2009: 11-25), intitulado "L'enfance et la formation. Le premier exil au Brésil (1876-1919)". Agradecemos à autora por permitir que essa tradução fosse realizada. A versão para o português foi efetuada por: Gabriela Ribeiro e Carlo Romani. Desde já agradecemos aos tradutores.

<sup>146</sup> Por Gabriela Ribeiro e Carlo Romani

<sup>147</sup> Tradução de Gabriela Ribeiro a partir do capítulo original.

<sup>148</sup> Trata-se do primeiríssimo artigo publicado pela autora na carreira (Felici, 1991). O segundo foi escrito em conjunto com Cristina Duarte-Simões, *Jeux de langue et d'origine dans Samba italiano du Brésilien Adoniran Barbosa: un parcours parodique dans la musique populaire brésilienne*. In: *Chanson et parodie*. Aix-en-Provence: PUP, collection "Chants Sons", 2018.

expulsão<sup>149</sup>. A singularidade do trabalho de Felici reside em analisar a produção literária em forma de poesia do anarquista romano articulando-a a sua trajetória de vida e militância, na qual percorreu diversos países do mundo, passando por diferentes exílios (Brasil, França, Bélgica, Espanha, Tunísia) provocados pela perseguição política, fenômeno transnacional comum ao anarquismo italiano, num sentimento de desenraizamento e solidão que parece tê-lo marcado de fato:

*In mezzo a mille genti sol mi sento  
pur nella gran città che guarda ostile  
allo straniero che da lungi viene<sup>150</sup>*

Em meio a mil gentes só me sinto  
até na grande cidade que olha hostil  
ao estrangeiro que de longe vem

Como indica a autora, a poesia, apresentada nas jornadas de propaganda, nas festas e reuniões políticas, tem um lugar de destaque (Felici, 2009: 5). O Brasil abre as portas para a produção poética de Damiani em 1897, uma atividade que somente será interrompida com a sua morte em Roma em 1953. Como explica a autora, as poesias são apenas uma das numerosas facetas – mas, talvez, a mais original – de sua atividade militante anarquista, direcionada principalmente para a propaganda. Gigi Damiani foi redator e diretor de importantes jornais dentro do movimento anarquista em língua italiana, o semanário *La Battaglia*, de São Paulo, fundado por Oreste Ristori em 1904, renomeado depois para *La Barricata*, o diário *Umanità Nova*, de Milão, fundado por Errico Malatesta em 1920, e a revista semanal “Fede” criada por ele em 1923. Isso, sem contar uma quinzena de opúsculos de sua autoria e inúmeros artigos publicados nos mais diferentes periódicos anarquistas, na

<sup>149</sup> Há um trabalho biográfico sobre Gigi Damiani em língua italiana (Fedeli, 1954), além de diversos estudos sobre anarquismo que se referem a ele e um verbete “Luigi Damiani” feito por Isabelle Felici para o *Dizionario Biografico degli Anarchici Italiani*, (Antonioli et al., 2004) disponível na Coleção Digital da Biblioteca Franco Serantini, <[http://bfscollezionidigitali.org/index.php/Detail/Object/Show/object\\_id/136](http://bfscollezionidigitali.org/index.php/Detail/Object/Show/object_id/136)>; em língua portuguesa, da mesma forma, a trajetória de Damiani é contemplada em diversos estudos sobre o anarquismo no Brasil, mas em nenhum de forma efetivamente aprofundada.

<sup>150</sup> Epigrafe da Introdução (Felici, 2009: 5). A tradução das poesias ao longo do texto foi realizada por Carlo Romani diretamente do italiano para o português.

Itália, Brasil, Estados Unidos, França, Suíça, Bélgica, Tunísia. Damiani foi, de fato, um dos grandes nomes do anarquismo italiano que viveu mais de vinte anos no Brasil. Somente isso já justificaria a tradução do livro de Isabelle Felici para enriquecer o conhecimento brasileiro sobre as ideias e práticas de indivíduos que ajudaram a fundar o anarquismo em nosso país. Na impossibilidade dessa publicação no momento, o primeiro capítulo que trata da estadia dele no país através da análise de sua produção literária aparece como de suma importância.

Como indica a autora, para o período brasileiro, os escritos literários são pouco numerosos e das peças de teatro conhecemos apenas o título através das páginas da imprensa anarquista (Felici, 2009: 8), o que, pelo que é apresentado no capítulo a seguir, já pode indicar a grandeza do conjunto da obra de Damiani após 1919. Ainda de acordo com a autora, a totalidade de suas composições constitui um corpo coerente de quatro obras e uma vintena de poesias dispersas, sobretudo, escritas entre os anos de 1946 e 1949.

Reafirmando o que já foi escrito, a grande novidade do trabalho de Felici é dar conta da produção literária de um militante anarquista. Os autores que a precederam nesse trabalho dedicaram-se ao pensamento e as ações políticas sem dar espaço à pena poética, é o Damiani crítico e teórico que buscaram, mas não é, por vezes, muito mais crítica a poesia, tão apelativa às emoções profundas do homem? Não é tão lembrado o *Germinal* de Zola? Não se reivindica tantas vezes uma literatura que não tome ares elitistas e que não seja produzida nas amenidades das confortáveis residências? Nesse sentido, o valor da poesia de Damiani é inestimável, pois parte do recuo que a sua preciosa posição de emigrado lhe confere, da sua preciosa posição de anarquista, da sua posição de homem do povo rebelde que não faz condescendências. Pinta, como diz a autora, a vitrólo os retratos de tipos sociais do Brasil em que vivia.

Como imigrante, como anarquista, como proletário, porém, a memória de Damiani precisa ultrapassar os prejulgamentos que poderiam lhe atribuir antes mesmo de deitarem os olhos sobre suas letras. Se é um militante é provável que se lhe atribuam apenas poesia caricata ou adocicada, inexperiência ou imperícia poética. Não é esse um ranço elitista que a literatura vista de baixo e feita de baixo precisa vencer? Felici busca demolir essas muralhas, mostrando o cuidado com que Damiani organiza formalmente a sua poesia, mostrando que conhece a métrica e que conforma sua potência criativa às leis da poética, familiar a ele, possivelmente a seus leitores. Assim, mostram a sua habilidade poética o belo exemplo do uso da métrica da *Divina Comédia*, grande poema “patriótico” do nacionalismo italiano

justamente em uma poesia antinacionalista e anticlerical, e da rima, não como uma mera imposição formal, mas como um efeito irreverente e sagaz como o faz ao rimar *cattolica, apostolica e romana*, com *banana*. Meia palavra basta para saber de que república se fala. A descrição dos esquemas poéticos de Damiani, assim como da forma como tratou com muita singularidade alguns temas recorrentes da literatura que olha o povo, deixam um desejo de efetivamente ler a obra de Damiani, assim como deixa o exemplo a outros arqueólogos da produção proletária de que reúnam outras poesias e que se encontrem outros Damianis nas páginas dos periódicos.

Enfim, como celebra a autora “por trás da ironia, da violência das palavras e da crítica acerba da sociedade, destaca-se, da obra poética de Damiani, um sentimento de profundo apego à vida, ao mundo, ao homem e à liberdade (Felici, 2009: 10)

## A INFÂNCIA E A FORMAÇÃO. O PRIMEIRO EXÍLIO NO BRASIL (1876-1919)

*Isabelle Felici*

*Un roseo pargolo*

*fece grande la donna in ogni tempo...*<sup>151</sup>

Como revelou no seu último escrito, “La mia bella Anarchia”, Damiani nunca conheceu sua mãe, Anna Passeri, falecida pouco tempo depois de tê-lo posto no mundo em Roma<sup>152</sup>, no dia 18 de maio de 1876. Seu pai, Sabatino, era originário do Abruzzo<sup>153</sup> e mantinha uma loja<sup>154</sup> em Roma (Damiani, 1953, p. 10). Ele "entrou no mundo deixado à própria sorte" (Damiani, 1953, p. 14) e desse fato viveu uma infância agitada. Para escapar da atmosfera de intensa religiosidade que o envolvia<sup>155</sup>, em meio aos bibelôs e às imagens sacras<sup>156</sup>, a criança se recolhe em si mesma. Sua avó, depois sua madrasta, seu pai, também, provavelmente, constrangem-no a orações, a penitências e a toda sorte de práticas quase supersticiosas que provocam nele um sentimento de revolta. Ao menos é o que se destaca do retrato do jovem Damiani esboçado por Fedeli, que nos informa também, sem dar maiores detalhes, que a pedido da sua família, a criança é internada em uma casa de correção em Nápoles<sup>157</sup>. As terríveis condições de vida às quais ele é então submetido suscitam nele o desgosto e a revolta; ele organiza junto a seus companheiros uma tentativa de fuga coletiva,

---

<sup>151</sup> “Uma rósea criança engrandeceu a mulher em todas as épocas...”

<sup>152</sup> Fedeli nos informa que Damiani nasceu no nº 48 do viale Prefetti, "na casa nobre dos Grazioli, onde sua avó era zeladora e onde seus pais dividiam com ela um alojamento" (Fedeli, 1954).

<sup>153</sup> Talvez de Montereale, próximo a L'Aquila, onde o visita em 1913, como indica seu dossiê de polícia no Casellario Politico Centrale (CPC), conservado no Archivio Centrale dello Stato (ACS) em Roma.

<sup>154</sup> Segundo Fedeli, trata-se de uma *trattoria* ou de uma *osteria* e segundo um outro amigo de Damiani, Nino Napolitano, de uma *pizzicheria*. Todas as referências ao testemunho de Nino Napolitano provêm de um texto intitulado "Gigi Damiani", publicado em duas partes em *L'Adunata dei Refrattari*, Newark (NJ), 24 de abril e 1º de maio de 1954.

<sup>155</sup> É o que diz seu biógrafo, Ugo Fedeli, que tira suas informações das conversas e das trocas epistolares e pessoais que manteve com Damiani a partir de 1946.

<sup>156</sup> Nino Napolitano evoca em particular a madrasta de Damiani, "uma mulher muito religiosa que tive oportunidade de conhecer em Roma, num dia em que acompanhei Gigi até sua casa. Nas paredes estavam penduradas ampliações fotográficas de padres de sobrepeliz que deveriam certamente ser parentes dela".

<sup>157</sup> Ugo Fedeli fala de uma Casa di correzione per minorenni Cappucinella, em Nápoles.

punida com um período de vários meses em uma prisão juvenil. Em seguida, sua família o traz de volta a Roma e ele deve pôr-se ao trabalho<sup>158</sup>.

Não há quase lugar para os estudos e para a leitura nessa jovem existência e apenas podemos supor, dada a falta de informações sobre esse ponto, que a formação de Damiani aconteceu unicamente na escola primária e nessa casa de correção. Não se exclui a possibilidade de que os professores desses estabelecimentos tenham transmitido a ele o gosto pela escrita e pela poesia. Por outro lado, também é verossímil que ele tenha se formado sozinho: não tendo os meios para comprar livros e jornais, os únicos impressos que a criança tem sob os olhos são os diários romanos cujos títulos ele percorre sobre os painéis nas bancas em que os jornais eram expostos na época (Damiani, 1953: 10). Sua família compra também, de tempos em tempos, *Il Messaggero*, quando ele discorre sobre um fato policial particularmente sangrento. Damiani explica a Fedeli que é através da leitura desses jornais "bem burgueses" que ele aprende a conhecer a anarquia<sup>159</sup>; ele é de fato interpelado pela ideia de justiça social que, sem nenhuma intenção, esses jornais transmitem ao relatar os atentados do célebre "justiceiro" anarquista Ravachol, guilhotinado em 1892. Sem que se tenha mais detalhes sobre o modo como ele entrou em contato com o meio anarquista, sabe-se que ele frequenta alguns militantes desde os quinze anos<sup>160</sup>, quando ele dá os primeiros passos no movimento anarquista e, certamente, aperfeiçoa sua formação. É assim que ele tomba sob o golpe das leis de exceção promulgadas pelo governo de Francesco Crispi para reprimir os movimentos socialista e anarquista após as insurreições da Sicília e da Lunigiana (região entre Massa-Carrara e La Spezia) em 1894. Começa então para ele, como para milhares de outros "subversivos", um longo período de *résidence surveillée*<sup>161</sup>, durante a qual ele cruza com militantes mais aguerridos e com outros jovens anarquistas com os quais ele estabelece relações duráveis<sup>162</sup>. A partir de 29 de setembro de 1894 ele está em Porto Ercole, chega às ilhas Tremiti em 4 de julho de 1895, a Favignana em 3 de fevereiro de 1896, ao final do mesmo ano em Lipari. É lá onde começa a colaborar na imprensa anarquista, notavelmente

<sup>158</sup> Seu dossiê de polícia criado em 1894, (Dossiê Gigi Damiani: Casellario Politico Centrale, Archivio Centrale dello Stato, Roma), indica que ele exerce a profissão de torneiro.

<sup>159</sup> Segundo Nino Napolitano, ele também teria afirmado ter chegado à anarquia pela leitura da Bíblia.

<sup>160</sup> É o que se pode ler em uma carta que ele escreve a Ugo Fedeli, sem indicação de data, mas que se pode precisar graças à resposta que ele recebe em 7 de julho de 1950. Salvo indicação contrária, as citações da correspondência Fedeli-Damiani provêm das cartas consultadas no Instituto de História Social de Amsterdam, IISG, fundo Fedeli.

<sup>161</sup> *Domicilio coatto* em italiano, é o que chamamos de prisão domiciliar, mas nesses casos ela ocorria em campos de confinamento em ilhas.

<sup>162</sup> Citamos Oreste Ristori, Pasquale Binazzi, Aristide Ceccarelli.

junto a Tommaso De Francesco, fundador de *L'Avvenire Sociale*, de Messina, cujas colunas acolhem, em 22 de novembro de 1896, o primeiro artigo que ele escreveu: “Come avverrà il socialismo”<sup>163</sup>. Nele, ele comenta e esmiúça já com muita ironia a brochura publicada por um dos fundadores do partido socialista italiano, Camillo Prampolini, intitulado justamente “Come avverrà il socialismo”.

Em agosto de 1897, o jovem militante adquire um passaporte expedido pela Prefeitura de Roma<sup>164</sup>. Alguns meses mais tarde, reencontramos seu rastro no Brasil - que passa então por uma forte onda de imigração italiana - no número do dia 28 de novembro da publicação anarco-humorística intitulada *La Birichina* (A Travessa), publicada em São Paulo. A rubrica *Piccola posta* dos jornais anarquistas italianos no Brasil mostram-no, às vezes em um lugar, às vezes em outro. Esses numerosos deslocamentos, talvez ligados à atividade de pintor de cenários de teatro, que ele começa a exercer no Brasil, fazem-no descobrir os grandes espaços que os Estados de São Paulo e do Paraná lhe oferecem. Se sua estadia no Brasil é pouco conhecida pelos seus companheiros italianos e, conseqüentemente, pelos historiadores do anarquismo, é em parte porque ele mesmo foi muito pouco loquaz sobre esse assunto. No fim de sua vida, ele cede todavia às insistências de Ugo Fedeli, que aproveita todas as ocasiões para extrair informações sobre sua vida de militante. Se ele se felicita que os esforços de Fedeli para colher informações sobre ele tenham sido infrutíferos - "Dizes não ter encontrado nada a meu respeito. Que bom, porque bem ou mal seriam mentiras. Não fui um homem excepcional e muito menos um homem virtuoso<sup>165</sup>" -, mesmo assim ele oferece a seu futuro biógrafo este resumo da sua estadia no Brasil:

Cheguei ao Brasil como emigrado pelos fins de 1888 [recte 1897]. Comecei a colaborar com o semanário *Il Risveglio* publicado por Alfredo Mari. Quando ele cansou, fui eu que continuei a publicá-lo durante quase um ano. Depois abateu-se sobre mim uma dificuldade por razões não exclusivamente políticas<sup>166</sup>. Após um tempo na prisão, fui absolvido e fui viver no Paraná, exatamente em Curitiba onde colaborei com o *Diritto* publicado por Egizio Cini e Ernesto Pacini, membros da

<sup>163</sup> Segundo Maurizio Antonioli e Pier Carlo Masini. Damiani seria também o autor de um artigo sobre "L'individualismo libertario" assinado Acratos, publicado em *L'Avvenire Sociale*, do dia 18 de janeiro de 1897 (Antonioli; Masini, 1999: 62-63).

<sup>164</sup> A Prefeitura é administrativamente a capital da Província.

<sup>165</sup> Carta de Gigi Damiani a Ugo Fedeli, [7 de julho de 1950].

<sup>166</sup> A "dificuldade" à qual ele se refere é uma estadia na prisão de alguns meses em 1900, sob a acusação de violência sexual, porque ele ajudou um de seus amigos, José Sarmento, a fugir com uma jovem que por amor havia deixado a família. Pode-se acompanhar esse episódio através dos relatos feitos pelo jornal anarquista de Curitiba *Il Diritto*, notavelmente nos artigos de 10 de outubro e de 25 de dezembro de 1900: "A bom entendedor..." e "Justiça burguesa".



Colônia Cecília. Lá também publiquei um periódico antirreligioso, *O Combate*, e colaborei ocasionalmente com outras publicações. De volta a São Paulo, fiz parte da redação de *La Battaglia*, editada por Ristori e Alessandro Cerchiai, da qual fui diretor após a partida de Ristori para Montevideu. Por razões administrativas, o título *La Battaglia* foi substituído pelo de *La Barricata*. Mais tarde, após uma viagem à Itália, publiquei durante a guerra [1915-1918] *Guerra Sociale* e participei da transformação do periódico brasileiro *A Plebe* em diário. Também colaborei com o *Lanterna* fundado por Benjamin Mota e retomado por Edgard Leuenroth<sup>167</sup>.

Vemos que Damiani não tem nenhuma memória das datas<sup>168</sup> já que ele remonta sua partida ao Brasil a uma época em que ele tinha doze anos. Não se pode aliás acusá-lo de ter pecado pelo orgulho. Essa varredura de vinte anos passados no Brasil dá de fato apenas uma muito pálida impressão da sua intensa atividade de propaganda dentro do movimento anarquista em São Paulo (Felici, 1994). *Il Risveglio*, do qual ele é um pilar, antes de tornar-se o diretor, marca verdadeiramente o nascimento de um movimento anarquista no Brasil, em particular de uma imprensa em língua italiana extremamente vigorosa com a qual ele colabora sem cessar durante vinte anos, mesmo quando deixa São Paulo em direção a Curitiba (onde permanece de 1902 a 1908).

Damiani não se limitou à propaganda em italiano, pois colaborou com jornais em português, às vezes com uma rubrica em italiano, às vezes com artigos que redige diretamente em português<sup>169</sup>. É preciso aliás acrescentar às publicações que ele cita no seu resumo a Fedeli o periódico de José Buzzetti, *O Despertar*. Além disso, quando, após vinte anos de permanência no Brasil, ele constata que se dirige doravante a uma comunidade imigrada bem instalada, cuja língua não é mais o italiano, mas o português, ele encoraja os anarquistas italianos a apoiar doravante essa imprensa em português, no caso o diário anarquista *A Plebe*, a tentar manter jornais que não estão mais ancorados na realidade social.

*La Battaglia*, que ele cita igualmente, é não apenas o semanário anarquista mais regular e o mais durável, aquele que mais marcou o movimento anarquista de São Paulo, mas é também um marco importante na história da comunidade italiana que Damiani

<sup>167</sup> Carta de Gigi Damiani a Ugo Fedeli. [7 de julho de 1950]. Salvo menção contrária, todas as citações foram traduzidas pela autora. Para as poesias e os textos literários de Damiani, todavia, o original foi conservado, a tradução figurando sob a passagem citada.

<sup>168</sup> "Eu nunca me lembro das datas precisas.", escreve Damiani a Fedeli, que cita em sua biografia; ou ainda "minha memória nunca registrou as datas." em uma carta de 7 de agosto de 1946. Disso decorre a data incorreta indicada por Fedeli para a chegada de Damiani ao Brasil: 1899.

<sup>169</sup> Afonso Schmidt, que conheceu Damiani no momento em que ele era redator de *A Plebe*, o atesta. Ver seu testemunho em "Gigi Damiani", *A Plebe*, 3 de setembro de 1948.

frequentemente fulmina com seu olhar penetrante e impiedoso. Ele esboça assim retratos a vitríolo de personagens característicos da comunidade italiana de São Paulo, patriota e bem comportada, às vezes até imitando o falar "macarrônico"<sup>170</sup>. Sua colaboração com esse periódico corresponde ao momento em que, como ele mesmo o diz, "lá pelos trinta anos", logo em 1906, ele começa a compreender o que significa verdadeiramente "se sentir anarquista" e "a sentir a responsabilidade que isso implica"<sup>171</sup>. A leitura de *La Battaglia*, melhor que a de *Guerra sociale*, é o melhor meio de julgar essa maturidade política, notavelmente sobre a questão da organização anarquista. Essa leitura põe, aliás, em questão, a imagem de Damiani caricaturalmente individualista - ou seja, oposto a qualquer forma de organização - com a qual acontece de se esbarrar (Antonlioli; Masini, 1999: 62-63)<sup>172</sup>. Damiani é também um militante de ação: ele se engaja em pessoa em todas as iniciativas sociais que surgem em São Paulo e participa ativamente na greve geral de julho de 1917, momento de glória para os operários dessa cidade e de todas as localidades periféricas<sup>173</sup>.

De 1917 a 1919, ele vive em uma quase clandestinidade e consegue, contrariamente aos outros protagonistas da grande greve de julho, a escapar das represálias. A repressão anti-anarquista se amplifica ainda em 1919 quando novos movimentos de protesto estouram. É nesse contexto que, segundo as declarações que ele faz a Fedeli na carta citada acima, "por causa de uma explosão intempestiva, uma tentativa de ação revolucionária foi estragada e fui expulso do Brasil em 1919 sob uma certa teatralidade". Uma bomba explode de fato em 19 de outubro, mas o projeto de movimento insurrecional, que ele também evoca em uma narrativa rocambolesca feita a Ugo Fedeli, não é confirmada por outras fontes. Mesmo que essa bomba que explode inopinadamente tenha sido o pretexto da sua partida, ele já havia manifestado seu desejo de retornar à Itália. Sua partida se caracteriza efetivamente por "uma certa teatralidade": ele encena sua expulsão, retardando-a o quanto pode. Ele dá início em setembro aos procedimentos para voltar à Itália, pedindo um passaporte, que lhe é aliás negado, e troca suas economias em liras. Ele se dá o trabalho, alguns dias antes da sua expulsão, de coletar todos os documentos e testemunhos que servirão à publicação de uma brochura contra a

<sup>170</sup> Ver por exemplo em *La Battaglia*, "Macchiette sociali. Il capitano", 24 de janeiro de 1909; "Il quartiere", 7 de fevereiro de 1909; "Il capitão Pertuso & famiglia. Viva l'Italia!", 20 de abril de 1912.

<sup>171</sup> Carta de Gigi Damiani a Ugo Fedeli, [7 de julho de 1950].

<sup>172</sup> No segundo tomo da sua história dos anarquistas italianos, Masini evoca com mais justeza sobre Damiani: "um anarquismo não propriamente individualista, mas desconfiado em relação à organização de partido" (Masini, 1981: 208). Damiani trata o assunto da organização em numerosos artigos. Indicamos um artigo escrito no fim de sua vida: g. d. "In tema di organizzazione 'ordinata'", *L'Antistato*, 25 de setembro 1950.

<sup>173</sup> Para uma análise de Damiani sobre essa greve, ver (Damiani, 1920: 33 e ss).

emigração, "em vistas de um retorno próximo, não voluntário, à Itália<sup>174</sup>". Testemunhos contam também que ele deixou voluntariamente escapar uma possibilidade de fugir<sup>175</sup> durante sua prisão. Em 22 de outubro, sob escolta especial, à noite para evitar qualquer movimento de protesto popular, ele deixa São Paulo e é embarcado no "Princesa Mafalda", atracado na baía do Rio de Janeiro. Chegando à Itália, ele publica efetivamente a brochura anunciada, "I paesi nei quali non bisogna emigrare. La questione sociale nel Brasile"<sup>176</sup>, que marca um ponto final na sua experiência no Brasil. Ele quase não fará mais alusão a isso<sup>177</sup>, exceto quando se trata, como vimos, de responder à insistência de Ugo Fedeli.

Em sua coleta de informações, nos parece que Fedeli tenha se preocupado sobretudo com as atividades jornalísticas de Damiani e que não tenha trocado conversas de ordem literária. Ao menos nada transparece nas suas cartas nem na sua biografia, em que ele glosa alguns textos teóricos de Damiani, mas jamais sua atividade literária. Entretanto ele a conhece por ter estabelecido sua impressionante bibliografia. Se é possível se surpreender sobre essa ausência quanto ao período que se segue ao retorno à Itália, compreende-se melhor quanto à estadia no Brasil, já que a maior parte dos textos literários desse período foram perdidos ou são dificilmente acessíveis. Aquilo que pudemos reunir permite, todavia, observar a maturação do estilo de Damiani, cujos escritos, tanto literários quanto jornalísticos, adquirem uma grande qualidade de escrita e uma grande eficácia. Se das três peças de teatro compostas durante sua estadia no Brasil, conhecemos apenas o título - *Rabbino; O Milagre*<sup>178</sup>, traduzidas para o português e encenadas em Curitiba, e *La Repubblica*, encenada em São

<sup>174</sup> "Avviso importante", *A Plebe*, 12 de outubro de 1919.

<sup>175</sup> "E partono cantando..." Come se deu a prisão de Gigi Damiani", *O Combate*, citado em *A Plebe*, 23 de outubro de 1919.

<sup>176</sup> Trata-se de uma coletânea de artigos aos quais se acrescentou um prefácio e uma conclusão inédita, já publicadas na imprensa: Guerra di classe, de 13 e 20 de dezembro de 1919, 18 de janeiro e 7 de fevereiro de 1920; *Il Libertario*, de 8 de janeiro e 12 de fevereiro de 1920; *Umanità nova*, de 2 de março e 11 de junho de 1920.

<sup>177</sup> Pouco disposto a falar de si mesmo, Gigi Damiani evocará em dois momentos um aspecto do anarquismo no Brasil que ele não conheceu diretamente: a Colônia Cecília. Ele frequentou, durante sua permanência em Curitiba, várias pessoas que participaram da experiência. Ele faz alusão a Giovanni Rossi, o fundador da colônia, em "La libertà e l'amore", *Germinal*, 1º de julho de 1928, um artigo que faz a lista de todos os tipos de relações possíveis entre os seres humanos, ele cita "a poliandria, o que Giovanni Rossi chamará de laço amorfista (saído da experiência, coração e espírito doentes). Ver também Gigi Damiani, "Le colonie sperimentali. La colonia Cecília di Giovanni Rossi", *Umanità Nova*, 8 de fevereiro de 1948, retomado por Emile Armand sob o título "En marge des compressions sociales. La Cecília", *L'Unique*, maio-junho de 1948. Entre os rastros deixados por Damiani no Brasil, podemos evocar o texto do romancista Afonso Schmidt, que o conheceu pessoalmente, publicado em *A Plebe*, artigo citado, e muito mais tardios, uma peça de teatro, Jandira Martini e Eliana Rocha, *Em defesa do companheiro Gigi Damiani. Texto para um espetáculo* (fotocópias, 1977) e um romance (Modernell, 1988). Enfim, existe uma rua Gigi Damiani em Cidade Tiradentes, um bairro recente de São Paulo. Obrigada a Carlo Romani por ter verificado esta informação.

<sup>178</sup> José Buzzetti, "Gigi Damiani", *La Battaglia*, 5 de janeiro de 1909.

Paulo em 1912<sup>179</sup> - pode-se em compensação reconstituir, com algumas lacunas, seu primeiro romance, publicado em episódios ainda quando estava em Curitiba, *L'ultimo sciopero, romanzo sociale*<sup>180</sup>. As colunas dos periódicos anarquistas nos oferecem também, entre os inúmeros artigos assinados por Damiani, alguns textos que tomam a forma, quase literária, de crônicas<sup>181</sup>, de pseudo comentários dos dogmas da Igreja, de contos moralizantes<sup>182</sup>, de retratos, mais propriamente charges, cujas vítimas são frequentemente pessoas da colônia italiana cujo falar misturado de português e de dialeto, frequentemente da Itália meridional, ele se diverte a imitar<sup>183</sup>... Enfim, demoremo-nos mais longamente nas quatro poesias que podem ser atribuídas a ele<sup>184</sup>.

A primeira poesia, "Ad una... contessa", provavelmente também seu primeiro texto publicado no Brasil<sup>185</sup>, segue a linha das caricaturas que acabamos de mencionar. Ele faz o retrato de uma mulher que ele conheceu miserável, vendendo fósforos na rua, e que reviu ricamente vestida e altiva, renegando seu passado, uma atitude que somente pode provocar o desprezo do jovem poeta. Este escolhe, para essa primeira poesia, uma forma métrica que utilizará de bom grado nas suas poesias da maturidade, o soneto. As outras poesias do período brasileiro têm todas uma forma diferente: uma sequência de cinco quartetos; uma outra de três tercetos em *terza rima*, a forma poética da "Divina Comédia"; e um longo poema de sessenta e dois versos, agrupados em oito estrofes irregulares. Essas poesias são compostas de hendecassílabos, seu metro preferido, e de duplos heptassílabos para o poema de sessenta e

<sup>179</sup> *La Battaglia*, 31 de dezembro de 1911.

<sup>180</sup> Os episódios de *L'ultimo sciopero. Romanzo sociale* foram publicados em *La Battaglia* entre 18 de julho de 1905 e 20 de maio de 1906. O primeiro capítulo do romance foi publicado em um número do jornal ausente na coleção do IISG. Sendo o personagem principal um soldado, Damiani utilizou talvez, em sentido oposto, o modelo de *La vita militare* de Edmondo de Amicis. Quanto à mina, onde os soldados enfrentarão os mineiros, ela tem evidentemente fortes acentos zolianos.

<sup>181</sup> Veja o texto intitulado "Viaggiando (La gente che s'incontra)" publicado em *La Battaglia*, São Paulo, 21 de março de 1908, que foi reproduzido, acompanhado de uma introdução e de um conjunto de notas elaboradas aos nossos cuidados em (Felici, 1996: 163-169).

<sup>182</sup> Ver por exemplo "Conto extraordinário", publicado em um jornal do Paraná, *O Despertar*, de 15 de dezembro de 1904 reproduzido em (Prado; Foot-Hardman, 1985: 71-73). Os autores da antologia não indicaram se se tratava ou não de uma tradução; apenas a consulta ao periódico permitiria saber se Damiani escreveu esse texto em português ou em italiano.

<sup>183</sup> Ver por exemplo Cuyum Pecus [Gigi Damiani]. "Italianismo coloniale", *La Battaglia*, 5 de junho de 1911.

<sup>184</sup> Sobre as poesias publicadas nos jornais anarquistas de língua italiana no Brasil, ver (Felici, 1996, p. 69-81).

<sup>185</sup> Estando a coleção de *La Birichina* conservada no IISG muito lacunar, talvez Damiani tenha publicado outros textos antes dessa data. Quando ele chega ao Brasil não há outros jornais anarquistas, já que as publicações precedentes sofreram a repressão implacável das autoridades brasileiras, amplamente apoiadas pelas instâncias consulares italianas. Entre essas publicações censuradas, citamos *L'Avvenire* (1894-1895), com a qual colaboraram Felice Vezzani e Arturo Campagnoli.

dois versos. Essa diversidade mostra que o jovem militante possui sim as ferramentas da métrica; ele determina aliás a forma das suas composições em função do assunto que ele quer tratar.

Assim, os três tercetos dantescos, uma forma definitivamente tradicional - pode-se dizer "patriótica" pelo uso que lhe é frequentemente dado -, são utilizados ironicamente em "Epigramma occasionale", publicado em *La Battaglia* de 21 de janeiro de 1906, quando da nomeação de um cardeal em São Paulo. A brevidade da composição em *terza rima*, utilizada tradicionalmente para longos poemas, não impede a coerência: a organização da rima, ABA BCB CBC<sup>186</sup>, evitando, pela retomada de B, o verso branco do último terceto, contribui para realçar desse "artigo de opinião" uma impressão de completude. O tom desses tercetos é tão anticlerical quanto antinacionalista: *cardinale* rima com *nazionale*. O país visado é o Brasil, através do seu lema (Ordem e progresso): "Se Ordem e Progresso são palavras vãs" (*Se ordine e progresso à frase vana*), e através de uma paródia da bandeira nacional em que figurariam uma cruz, um apito e uma banana, assim como um chicote cruzando o báculo episcopal. O apito e o chicote, designados em língua portuguesa<sup>187</sup>, são, é claro, os atributos do capanga, o vigia das fazendas, essas grandes explorações agrícolas sobre as quais repousam a economia e as instituições políticas do Estado de São Paulo. O tom de escárnio é ainda amplificado pela rima de *romana* (do último verso: *cattolica, apostolica, romana*) com *banana*.

O tom é mais grandiloquente no longo poema de sessenta e dois versos, "Poema della vita", em parte por causa da escolha do metro, duplos heptassílabos ou versos alexandrinos, repartidos em oito estrofes (uma estrofe de doze versos, duas décimas, um quarteto, três sextilhas, uma oitava) em rimas emparelhadas AABB. Nesses duplos heptassílabos, encontramos o ritmo da canção de Pietro Gori, "Addio Lugano bella", composta em 1895. A última rima do poema de Damiani, *pia : anarchia*, ecoa igualmente essa canção (... o *dolce terra pia / ...gli anarchici van via*). Escrito em 1902, quando Damiani está em Curitiba e publicada (ou republicada?) em 1917 no final da grande greve de julho, "Poema della vita" é ao mesmo tempo, na primeira estrofe, uma condenação da sociedade que aniquila aqueles que não se dobram diante do deus da riqueza:

<sup>186</sup> Utilizamos as maiúsculas para designar os versos de onze pés (hendecassílabos) e as minúsculas para designar os versos curtos. Os versos proparoxítonos (cuja última palavra é acentuada na antepenúltima sílaba) serão indicados por " e os versos oxítonos (cuja última palavra é acentuada na última sílaba) por '. As rimas serão indicadas por dois pontos. Esse é o código utilizado notavelmente por (Lavezzi, 2002).

<sup>187</sup> Damiani tem talvez em mente a poesia de Pascoli "Italy" em que figuram palavras em inglês. Pietro Gori utiliza por sua vez o espanhol. Ver por exemplo "Licenziando il libro" (1904). *Canti d'esilio, poesie varie*. (Gori, 1948).

...di questa incancrenita  
società sanguinaria, feroce accomandita  
di mezzani e norcini, filosofi e sgherri  
cui blasone è la forca contornata di ferri,  
cui pontefice è il boia che uccide e che strazia,  
chi non curva la fronte, chi non supplica grazia,  
chi non piega le reni, chi il ginocchio non prona,  
davanti al fosco nume, davanti... al dio Mammona.

...desta sanguinária  
e gangrenada sociedade, feroz confraria  
de medianeiros e açougueiros, filósofos e esbirros  
cujo brasão é a forca contornada por ferros  
cujo pontífice é o carrasco que assassina e destroça  
quem não curva a testa, quem não suplica pela graça,  
quem não dobra as costas, quem de joelhos não se põe  
de frente ao fosco nume, de frente ao deus Manon.

e, na última estrofe, uma exaltação da sociedade futura:

Sarà la morte, il fine ?... No mai... sarà la vita  
giovane, nuova, ardente nella pace infinita  
nel sorriso fraterno, nel trionfo d'amore,  
nell'abbondanza a tutti, nell'eterno splendore  
del sole e della cara visione de' nati  
sani e felici e nella sicurezza a' malati  
nel rispetto pe' vecchi nell'oblio pe' cattivi...

será a morte, o fim?... Não nunca... será a vida  
jovem, nova, ardente na paz infinda  
no sorriso fraterno, no triunfo do amor,  
na abundância a todos, no eterno esplendor

do sol e da querida visão dos nascidos  
sãos e felizes e na segurança aos acamados  
no respeito aos velhos no olvido dos malvados...

Entre essas duas estrofes, vemos se opor duas realidades, a de uma multidão estúpida, *stolta folla*, desprezível e insultante, e a dos combatentes solitários que esperam que a hora chegue para agir:

*... del pensier le scintille  
raccoglieremo e via fatidiche faville  
le spargeremo noi*

...do pensamento as centelhas  
nós colheremos e pelas fatídicas fagulhas  
nós as semearmos

como um eco dos primeiros versos da primeira estrofe :

*Come foglie disperse dall'autunnal bufera [...]  
così travolte vanno del pensier le scintille  
e si spengon lontane quali vane faville.*

Como folhas dispersas da tormenta de outono [...]

assim reviradas vão do pensamento as centelhas  
e se apagam longe qual vãs fagulhas.

É preciso nos demorarmos sobre a imagem da massa que aparece nessa poesia de juventude de Damiani, e que encontramos idêntica nas poesias posteriores, uma massa "estúpida" e "covarde", muito diferente da que se compadece Carducci e, depois dele, outros poetas do século XIX italiano, em um "clima de indignação pequeno-burguês", segundo os termos de Alberto Asor Rosa (1988: 55). De fato, não há em Damiani nenhum

compadecimento pela *povera plebe*<sup>188</sup>, *il volgo macilente* (Stecchetti, 1978, p. 152) ("o povo emaciado"), *la plebe maledetta* (Stecchetti, 1978: 153)<sup>189</sup>, *la tragica / di affamati falange*<sup>190</sup> ("a trágica / falange de famintos") e não se pode aplicar aos escritos de Damiani as palavras apressadas de Asor Rosa sobre a poesia de Pietro Gori, que oculta, segundo o crítico, um "sentimentalismo ainda mais suave, untuoso e frágil que em Carducci ou Stecchetti (Rosa, 1988: 56)<sup>191</sup>". Não há sentimentalismo nem emoções gratuitas em Damiani, mas ao contrário, uma violência das imagens e das palavras perceptível desde os poemas de juventude e que não esmorece, nas poesias da maturidade. Essa imagem negativa da multidão ou do povo aparece em uma outra poesia de juventude publicada em *Il Risveglio*, de 14 de maio de 1899, "Ad una prostituta", através da expressão *volgo sozzo e vile* ("povo imundo e vil").

Se em "Poema della vita" e em "Ad una prostituta" o povo merece apenas o desprezo, é que ele mesmo é desprezível para com aqueles que são diferentes, porque professam outras ideias ou porque não respeitam as regras e as conveniências sociais, como a prostituta a quem são dedicados os cinco quartetos de "Ad una prostituta". Se essa prostituta merece, ao contrário, o afeto do poeta:

*T'amo così ne la fierezza indomita  
che il trivio dona ai nati suoi infelici!  
t'amo così – venduta merce — cinica*

Amo-te assim na altivez indômita  
que a rua doa aos seus infelizes nascidos!  
Amo-te assim – mercadoria vendida – cínica

e sua estima, enquanto todos os outros a desprezam:

*Dica male di te poeta chierico,  
ti rida in faccia il volgo sozzo e vile,  
ma io, ribelle, a te levo il mio cantico,*

<sup>188</sup> Mario Rapisardi, "Il canto dei mietitori". O poema foi notavelmente reproduzido em uma brochura consagrada ao poeta siciliano intitulada *Mario Rapisardi*. Roma. La Tipográfica. 1912, p.7.

<sup>189</sup> Ver também, do mesmo Lorenzo Stecchetti, *Primo maggio*, (1978: 153-155).

<sup>190</sup> Pietro Gori. "A Giosuè Carducci". *Battaglie. Versi*. Milão, Editrice Moderna, 1946-1947. p. 354.

<sup>191</sup> Ver uma réplica a Asor Rosa na introdução de Adolfo Zavorani (1978).



*io, ti comprendo sai: donna civile.*

Diga mal de ti o poeta clérigo,  
te ria na cara o vulgo imundo e vil,  
mas eu, rebelde, a ti levo o meu cântico,  
eu te compreendo sabes: mulher civil.

o poeta vê além disso nela uma arma social contra a instituição do casamento,

*Va... va... e schernisci la donnina isterica  
che si vende per sempre innanzi ai prete*

Vai... vai... escarnece a mulherzinha histérica  
que se vende para sempre diante do padre

e uma arma "biológica" para se vingar de uma sociedade abjeta:

*Va... seduci, incatena, strazia e nei lubrici  
abbracci inietta il pus che il sangue uccide  
va... succhia denaro ed offri spasimo,  
al mondo che ti compra e ti deride.*

Vai... seduz, algema, dilacera e nos lúbricos  
abraços injeta o pus que ao sangue mata  
vai... suga dinheiro e oferece espasmo  
ao mundo que te compra e te maltrata.

O tom dessa passagem, que se opõe ao tom meloso e moralista de certas poesias que se pode ler sobre esse tema da prostituição na imprensa anarquista<sup>192</sup>, é suficiente para descartar Damiani da generalização que faz Asor Rosa, partindo de uma análise apressada da obra de Pietro Gori<sup>193</sup>, não sem uma certa ironia, dos autores anarquistas:

---

<sup>192</sup> Ver por exemplo Satanello, "La prostituta" publicada em *Pagine libertarie*. Milão. 1º de maio de 1922.

<sup>193</sup> Sobre Pietro Gori e a memória que dele os anarquistas conservaram, ver (Antonioli, 1995: 16).

Os anarquistas italianos demonstram sua bonomia - ao menos em literatura: neles, o humanitarismo é uma concepção que sentem de um modo tão autêntico que elimina qualquer ressentimento e qualquer animosidade (Rosa, 1988: 56).

Damiani se destaca dos outros poetas anarquistas, ou de outros anarquistas poetas, pelo tom acre e cáustico que confere às suas poesias, mas, como eles, respeita, quanto à forma, os cânones muito tradicionais da métrica italiana. O soneto, que em "Ad una... contessa" segue o esquema de rimas ABAB ABAB CDC EDE, é retomado em uma vintena de composições mais tardias, por vezes até como uma estrofe de poemas mais longos; o quarteto, especialmente de hendecassílabos, é também uma forma frequentemente utilizada, em particular com versos proparoxítonos sem rima, como é o caso de "Ad una prostituta" que segue o esquema X"BY"B. Se podemos notar uma aplicação quase estudiosa em respeitar as regras da escrita poética e um gosto já pronunciado para as referências à Antiguidade - no caso, Roma: Breno, a Subura, Caio Graco - e às Escrituras - o deus Mamon -, não há por outro lado vontade de virtuosidade: não há ou há poucas frases alambicadas, não há um emprego abusivo de hipérbatos que tornam as poesias de certos autores dificilmente compreensíveis, quase não há arcaísmos (*lebrosi, la vesta*) e latinismos (*clivi*). A escrita não é todavia prosaica. Pode-se observar alguns efeitos refinados no ritmo: os hendecassílabos de "Ad una... contessa" são todos *a maiori* – acentuados na sexta e na décima sílaba – mas o ritmo do verso *Oh come avvenne ciò; chi t'ha comprata?* Provoca um efeito surpresa marcada pelas tônicas justapostas. Notemos também diérese no verso *del sole e della cara visione de' nati* (*supra*) e o deslocamento de acento tônico – diástole – em *nella notte penosa di questa incancrenita / società sanguinaria, feroce accomandita* (« Poema della vita »). Essa busca poética acarreta algumas imperícias:

— no ritmo em "Ad una prostituta", os hendecassílabos estão em alternância *a maiori* e *a minori*, com exceção do verso *va... succhia denaro ed offri spasimo* que, além disso, tem apenas dez pés, a menos que se queira ver um hiato, incôngruo, entre "denaro" e "ed" ; um outro verso da mesma poesia possui uma posição a mais: *Va... seduci, incatena, strazia e nei lubrici*.

— na rima: "Poema della vita" contém uma rima imperfeita "corrigida" por uma grafia errônea, reflexo provável de uma pronúncia característica do Centro-Sul da Itália: *providenza: dispenza*.

Apesar dessas imperícias e algumas passagens literariamente menos bem-sucedidas, as poesias do período brasileiro já têm um estilo incisivo e eficaz, e têm em comum com as poesias da maturidade o tom negro, jamais adocicado nem pueril, que se encontra em muitos artigos jornalísticos. O olhar crítico sobre a sociedade aparece de modo ainda pouco construído, dado o caráter fragmentado dos primeiros textos, nunca reunidos em obras e escritos em momentos muito espaçados no tempo. O retorno à Itália no outono de 1919 permitirá a Damiani retomar uma atividade de escrita mais regular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIOLI, Maurizio (1995), Pietro Gori, il cavalier errante dell'anarchia. Studi e testi. Pisa: BFS.

ANTONIOLI, Maurizio & MASINI, Pier Carlo (1999), Il sol dell'avvenir. L'anarchismo in Italia dalle origini alla Prima Guerra mondiale 1871-1918. Pisa: BFS.

ANTONIOLI, Maurizio et al (orgs.) (2004), Dizionario bibliografico degli anarchici italiani. vol. 1 Pisa: BFS. Disponível em Collezioni Digitali Biblioteca Franco Serantini

DAMIANI, Gigi (1920), I paesi nei quali non bisogna emigrare. La questione sociale nel Brasile. Milão: Edizioni di Umanità Nova.

DAMIANI, Gigi (1953), La mia bella Anarchia. Cesena (FO): Edizioni L'Antistato.

FEDELI, Ugo (1954), Gigi Damiani. Note biografiche. Il suo posto nell'anarchismo. Cesena (FO): Edizioni L'Antistato.

FELICI, Isabelle (1991). Samba italiano. Les Langues Néo-latines. ISSN 0184-7570, Paris, n. 276, p. 106-116.

FELICI, Isabelle (1994), Les Italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil (1890-1920). Tese (Doutorado em Cultura Italiana). Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III.

FELICI, Isabelle (1996), Poésies d'émigrés italiens parues dans la presse anarchiste brésilienne au tournant du XXe siècle. In: VEGLIANTE, Jean-Charles (org.). Gli italiani all'estero, nº4, Ailleurs, d'ailleurs. Paris: Presses de la Sorbonne-Nouvelle, p. 69-81.

FELICI, Isabelle (2009), *Poésie d'un rebelle. Poète, anarchiste, émigré (1876-1953)*. Lyon: Atelier de création libertaire. Versão digital em arquivo aberto disponível em <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01359814>

GORI, Pietro (1948), *Opere complete*. Reedição. Milão: Editrice Moderna.

LAVEZZI, Gianfranca (2002), *I numeri della poesia. Guida alla metrica italiana*. Milão: Carocci editore.

MASINI, Pier Carlo (1981), *Storia degli anarchici italiani, vol. 2. Nell'epoca degli attentati*. Milão: Rizzoli.

MODERNELL, Renato (1988), *Sonata da última cidade*. São Paulo: Ed. Best seller.

PRADO, Antonio Arnoni & FOOT-HARDMAN, Francisco (1985), *Contos anarquistas. Antologia da prosa anarquista no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense.

ROSA, Alberto Asor (1988, primeira edição 1965), *Scrittori e popolo. Il populismo nella letteratura italiana contemporanea*. Turim: Einaudi.

STECCHETTI, Lorenzo (1978), “Iustitia”. In: MASINI, Pier Carlo. *Poeti della rivolta. Da Carducci a Lucini*. Milão: Rizzoli.

ZAVORANI, Adolfo (1978), *Dio Borghese. Poesia sociale in Italia 1877-1900*. Milão: Gabriele Mazzotta editore.

### **Anexo – Íntegra das principais poesias do período brasileiro**

*“Ad una... contessa”*

*“A uma condessa”*

*T'ho conosciuta sudicia e cenciosa*

Conheci-te suja e esfarrapada

*Ricoperta di luridi brandelli...*

Recoberta de imundos trapos

*Andar la fronte bassa... vergognosa*

A andar com a testa baixa... envergonhada

*Gridando per le strade: i zolfanelli.*

Gritando pelas ruas: dê-me fósforos.

*Poi ti rividi al Corso baldanzosa*

Depois te reví no passeio ousada

*Frustando una pariglia di monelli*

Esnobando a um par de garotos

*Superba d'una stola color rosa*

Soberba em echarpe de cor rosada

*E cinti da un diadema i bei capelli.*

Por um diadema os belos cabelos envoltos

|  |  |
|--|--|
| <i>Oh come avvenne ciò; chi t'ha comprata?</i> | O que houve; por quem fostes comprada? |
| <i>Tu vai tronfia si tanto d'albagia</i>       | Tu vais inchada e um tanto altiva      |
| <i>Quanto figliola mia ti sei mutata!</i>      | Quanto minha filha tu estas mudada!    |
| <i>Bada però ch'un giorno non ti tocchi</i>    | Tenhas porém as barbas de molho        |
| <i>Tornare in mezzo al fango della via</i>     | Se um dia retornar à lama ainda viva   |
| <i>Ricordati dei cenci e dei pidocchi!</i>     | Recorda-te dos trapos e dos piolhos    |

Gigi Damiani

“La Birichina”, n. 25, São Paulo, 28 de novembro 1897

|   |   |
|---|---|
| <i>“Ad una prostituta”</i>                            | “A uma prostituta”                              |
| <i>T'amo così ne la fierezza indomita</i>             | Amo-te assim na altivez indômita                |
| <i>che il trivio dona ai nati suoi infelici!</i>      | que a rua doa aos seus infelizes nascidos!      |
| <i>t'amo così – venduta merce – cinica</i>            | amo-te assim -mercadoria vendida- cínica        |
| <i>ridere in faccia a' tuoi brutali amici.</i>        | rindo na cara de teus brutais amigos.           |
| <i>Dica male di te poeta chierico,</i>                | Diga mal de ti o poeta clérigo,                 |
| <i>ti rida in faccia il volgo sozzo e vile,</i>       | te ria na cara o vulgo imundo e vil,            |
| <i>ma io, ribelle, a te levo il mio cantico</i>       | mas eu, rebelde, a ti levo o meu cântico,       |
| <i>io, ti comprendo sai: donna civile.</i>            | eu te compreendo sabes: mulher civil.           |
| <i>Che importa a me se nell'ingiuria erotica</i>      | O que me importa se na injúria erótica          |
| <i>sprezzi il pudore della donna onesta...</i>        | desprezas o pudor da mulher honesta...          |
| <i>Se innanzi all'uomo calcolante impudica</i>        | Se na frente do homem racional impúdica         |
| <i>Atiri [sic] fino al bellico in su la vesta.</i>    | Levantas quase bélica acima sua veste           |
| <i>Va... va... e schernisci la donnina isterica</i>   | Vai... vai... escarnece a mulherzinha histórica |
| <i>che si vende per sempre innanzi al prete</i>       | que se vende para sempre diante do padre        |
| <i>va... va... corri la via ed al vecchio stupido</i> | vai...vai... corre na rua e ao velho estúpido   |
| <i>tendi dal vizio la dorata rete.</i>                | tendes do vício a dourada rede.                 |
| <i>Va... seduci, incatena, strazia e nei lubrici</i>  | Vai... seduz, algema, dilacera e nos lúbricos   |
| <i>abbracci inietta il pus che'l sangue uccide</i>    | abraços injeta o pus que ao sangue mata         |
| <i>va... succhi denaro ed offri spasimo,</i>          | vai... suga dinheiro e oferece espasmo,         |
| <i>al mondo che ti compra e ti deride.</i>            | ao mundo que te compra e te maltrata.           |

Gigi

“Il Risveglio”, n. 46, São Paulo, 14 de maio 1899

*“Epigramma occasionale”*

*Gloria negli alti cieli... anco il Brasile*

*s'è provvisto alla fin d'un cardinale...*

*perché completo sia lo santo ovile.*

*Vedrem sul nuovo stema nazionale*

*una croce, un apito e una banana*

*e il chicote incrociato al pastorale.*

*Se l'ordine e progresso è frase vana*

*lemma sarà: Repubblica ideale*

*cattolica, apostolica, romana.*

L'uomo che ride

“La Battaglia”, n. 65, São Paulo, 21 janeiro 1906

“Epigrama ocasional”

Glória nos altos céus... também o Brasil

proveu-se enfim de um cardeal

para que completo seja o santo redil

Veremos no novo brasão nacional

uma cruz, um apito e uma banana

e o chicote crucificado na pastoral

Se a ordem e progresso é frase insana

o lema será: República ideal

católica, apostólica, romana